



ALAN GRATZ  
baseado na vida de  
JACK E RUTH GRUENER

TRADUÇÃO DE ANTHONY SEAN CLEAVER

PRISIONEIRO  
B-3087

MANUAL DO  
PROFESSOR

Joaquim

Para Jack, que sobreviveu.

---

# SUMÁRIO

---

Cracóvia, Polónia (1939-1942)	7
Campo de concentração de Plaszóvia (1942-1943)	45
Mina de sal de Wieliczka (1943-1944)	69
Campo de concentração de Trzebinia (1944)	77
Campo de concentração de Birkenau (1944-1945)	89
Campo de concentração de Auschwitz (1945)	103
Marcha da morte (1945)	117
Campo de concentração de Sachsenhausen (1945)	129
Campo de concentração de Bergen-Belsen (1945)	135
Campo de concentração de Buchenwald (1945)	141
Campo de concentração de Gross-Rosen (1945)	147
Marcha da morte (1945)	153
Campo de concentração de Dachau (1945)	165
Munique (1945)	171
<i>Saiba mais sobre este livro</i>	178



CRACÓVIA, POLÔNIA  
1939-1942

# CAPÍTULO 1

Se eu soubesse como seriam os próximos seis anos de minha vida, teria comido mais.

Eu não teria reclamado por ter de escovar os dentes, ou tomar banho, ou ir para a cama às oito horas todas as noites. Eu teria brincado mais, me divertido mais. Eu teria abraçado meus pais e dito a eles que os amava.

Mas eu tinha apenas 10 anos e não fazia a menor ideia do pesadelo que se aproximava. Nenhum de nós fazia. Era começo de setembro, e estávamos todos sentados em volta da grande mesa na sala de jantar do apartamento da minha família, na rua Krakusa, comendo, bebendo e conversando: meus pais, meus tios, meus primos e eu, Jakob — embora todos me chamassem de Yanek, meu nome polonês.

— “Os judeus devem desaparecer da Europa.” Foi isso que Hitler disse — declarou meu tio Moshe, servindo-se de mais doce. — Ele não poderia ter sido mais claro.

Senti um frio na espinha. Eu já ouvira pelo rádio os discursos de Hitler, o Führer alemão. Führer significa “líder” em alemão, e era assim que os alemães chamavam seu presidente. Ele vivia mencionando a “ameaça judaica”, dizendo que a Alemanha e o restante da Europa deveriam ser uma região “livre de judeus”. Eu era judeu, morava na Europa e não queria desaparecer. Eu amava minha casa e minha cidade.

— Os britânicos e franceses já declararam guerra a ele — disse meu pai. — E logo terão a ajuda dos americanos. Eles não deixarão a Alemanha varrer toda a Europa.

— Ele já anexou a Áustria e a Tchecoslováquia — disse meu tio Abraham. — E agora invade a Polônia!

Meu pai tomou um gole de café.

— Pode escrever: essa guerra não dura mais que seis meses.

Meus tios contestaram, mas ele era meu pai, e eu acreditava nele.

— Chega de política — pediu minha mãe. Ela se levantou para tirar a mesa, ajudada por minhas tias, e continuou: — Yanek, que tal montar um show para nós? Ele construiu seu próprio projetor.

Fui correndo buscá-lo no meu quarto. Não era um projetor de filmes igual aos usados no cinema, mas um projetor de slides que eu mesmo havia montado. Fixei uma lâmpada em uma tábua e na frente posicionei placas de madeira com lentes de aumento. Eu podia projetar imagens na parede ou fazer teatro de sombras. Meus primos me ajudaram a pendurar um lençol branco no vão da porta da sala de estar. Quando todos estavam sentados, conectei o projetor na tomada e liguei o rádio. Eu gostava de ter um acompanhamento musical, como as trilhas sonoras de filmes. Quando o rádio aqueceu, achei uma canção de Count Basie perfeita para a ocasião e iniciei meu espetáculo.

Usando imagens de caubóis, índios, diligências e cavalos, recortadas em cartolina e coladas a palitos de madeira, projetei um teatro de sombras sobre um xerife do Velho Oeste americano que tinha de proteger sua cidade de bandidos. Meus filmes prediletos eram os faroestes de John Wayne, e combinei as melhores partes do cinema dele numa única história. Meus familiares riam e aplaudiam, interagindo com os personagens como se fossem pessoas reais. Eles adoravam meus espetáculos, e eu adorava entretê-los com esses shows. Nada me orgulhava mais do que fazer meu pai rir!

Quem sabe, algum dia, eu iria aos Estados Unidos para trabalhar com cinema. Tia Gizela costumava esfregar minha cabeleira ondulada e dizer:

— Você parece um astro de cinema, Yanek, com seus cabelos castanhos e seus olhos grandes.

Eu estava quase na parte em que o líder da quadrilha roubava o banco e enfrentava o herói em um duelo quando a canção da rádio foi subitamente interrompida. Achei que o tubo de vácuo do aparelho tivesse queimado, mas, em seguida, ouvimos a voz de um homem.

— Senhoras e senhores, interrompemos nossa transmissão para anunciar que o exército alemão chegou à cidade de Cracóvia.

— Não! — exclamou meu pai.

— Já? — disse tio Moshe. — Só se passaram seis dias. Onde está o exército polonês?

Eu saí de trás do lençol para ouvir. O locutor da rádio falava sobre a retirada das forças polonesas para Lodz e Varsóvia quando ouvimos um enorme estrondo, *BUM!*, e as xícaras de chá de minha mãe tremeram sobre os pires. Meus primos e eu corremos para a janela. Lá fora, uma fumaça preta subia em espiral sobre os telhados de Podgórze, nosso bairro. Alguém gritou na rua ao lado, e os sinos da Catedral de Wawel soaram o alarme.

Era tarde demais. Os alemães já tinham chegado. Se eu soubesse então o que sei agora, teria corrido. Não teria parado para fazer uma mala, despedir-me dos amigos ou mesmo desligar meu projetor. Nenhum de nós teria. Teríamos fugido para o bosque nos arredores da cidade sem nunca olhar para trás.

Mas não fugimos. Ficamos ali, no apartamento de minha família, ouvindo a rádio e vendo o céu sobre Cracóvia escurecer enquanto os alemães vinham para nos matar.

Em setembro de 1939, tropas alemãs invadem a Polônia. Poucos dias depois, chegam a Cracóvia, onde vive o casal Oskar e Mina Gruener com seu filho de 10 anos, Yanek. Tinha início a Segunda Guerra Mundial, conflito que marcou a história da humanidade. Como os demais judeus, os Gruener jamais poderiam imaginar o que aconteceria a partir de então...

Do início da guerra até seu fim, em 1945, Yanek viveu o horror do Holocausto. Passou por dez campos de concentração diferentes, enfrentou viagens em vagões de transporte de gado em condições chocantes e marchou por estradas intermináveis.

Mal alimentado, sujo, subjugado, Yanek é, mais do que tudo, um exemplo de perseverança e vontade de viver. Sua jornada, contada décadas depois, é um tocante depoimento histórico que não pode jamais ser esquecido.



ALAN GRATZ nasceu em 1972. Formado em Escrita Criativa e Língua Inglesa, é autor de diversos livros para jovens. Também já escreveu para teatro, televisão, revistas e publicidade, além de ter lecionado na República Tcheca e no Japão. Vive atualmente na Carolina do Norte, nos Estados Unidos.



JACK e RUTH GRUENER foram os nomes adotados por Yanek Gruener e Luncia Gamzer alguns anos após o fim da guerra, ao se mudarem para os Estados Unidos, onde se casaram e decidiram contar sua história de sobrevivência.



ISBN: 978-85-6960-03-1  
9 786589 606031